

LUIZ GAMA: O POETA COMO UM CERTO TIPO DE HOMEM

Sílvio Roberto dos Santos Oliveira
UNICAMP/UNEB

O poeta Luiz Gama nasceu a 21 de junho de 1830 em Salvador, Bahia. Além do que contou o próprio poeta sobre a sua vida, nada se sabe sobre a sua infância, alguma coisa se sabe sobre a sua juventude, e há inúmeros documentos relativos a feitos de sua maturidade. Três características de Luiz Gama são decisivas para compreender o interesse por sua história tão recontada: era negro, foi escravo, tornou-se herói abolicionista.

Segundo o relato mais conhecido: Luíza Mahin, sua mãe, negra livre e muçulmana, foi presa várias vezes como suspeita de envolver-se em revoltas de escravos na Bahia; fugiu para o Rio de Janeiro em 1837 e desapareceu anos mais tarde. O pai de Gama, do qual se desconhece o nome, pode ter pertencido a uma importante família de origem portuguesa; em grave crise financeira, vendeu o filho como escravo em 1840.

O escravo Luiz Gama não foi comprado no Rio de Janeiro e em Campinas por ser “baiano” (como anotou em carta a Lúcio de Mendonça). Rejeitado pelos compradores, foi conduzido à casa do escravocrata Antônio Pereira Cardoso em Lorena-SP. Em 1847, desenvolveu amizade com Antônio Rodrigues do Prado Júnior, que o iniciou nas primeiras letras. Após sete anos de cativo, aprendeu a ler e a escrever, reconquistou a liberdade, apresentando provas ainda hoje ignoradas, tornou-se militar (época em que foi preso por insultar um oficial), amanuense da Secretária de Polícia até 1868 (quando foi demitido por “turbulento e sedicioso”), foi também jornalista e poeta. Luiz Gama, sob pseudônimo, publicou o seu único livro de poemas, **Primeiras Trovas Burlescas de Getulino**, em 1859, animando-se a uma segunda edição em 1861.¹ Nesse mesmo período, já havia começado a advogar (sem diploma), libertando até o fim da vida inúmeros escravos; segundo seu próprio depoimento, mais de 500.

¹ GAMA, Luiz. *Primeiras Trovas Burlescas de Getulino*. São Paulo, Tipografia Dois de Dezembro, 1859.

O texto em que Luiz Gama resume a sua vida encontra-se em uma carta, escrita em 1880, endereçada ao amigo Lúcio de Mendonça. A carta permaneceu por décadas nos arquivos pessoais de Lúcio de Mendonça. Entretanto, o próprio Mendonça narrou a mesma história em artigo publicado ainda no ano de 1880.² No artigo, manteve a mesma estrutura do primeiro texto, alterando a pessoa do discurso: não era mais a voz de Luiz Gama narrando um drama pessoal, mas a voz de um amigo, uma testemunha confiável, um admirador.

Especialmente na primeira metade do século XX, a história de Luiz Gama foi sendo recontada por outros autores de maneira muito semelhante à versão do artigo de Mendonça, mas sempre apresentando altos graus de ficcionalização. Assim fizeram escritores como Aureliano Leite e Eloy Pontes.

No geral, as narrativas sobre a vida de Luiz Gama obedeceram a um percurso que pode ser dividido em quatro momentos:

A origem: nascimento do protagonista, características dos pais, o ato criminoso da venda.

O sofrimento: constrangimentos do cativo.

A luta: o aprendizado da leitura, a conquista da liberdade, a demonstração do caráter insubmisso.

O triunfo: resumo de suas atividades abolicionistas e de seus feitos.

No que diz respeito às informações sobre a sua origem, existem muitas dúvidas. Sobre a mãe, Luiza Mahin, não há nem uma outra referência que não seja a carta do próprio Gama. Apesar disso, alguns escritores, como Pedro Calmon, em seu romance *Os malês* de 1933 e em artigos, alimentaram o imaginário a respeito de Luiza Mahin, recriando-a como uma princesa africana e como líder da revolta de 1835.

Conforme a maioria dos textos sobre o poeta, que seguiram as informações divulgadas por Mendonça, o pai de Gama foi apaixonado por esportes e divertimentos. E muito atencioso com o filho até perder a fortuna herdada da família. Sem dinheiro, viciado em jogos e bebidas, viu na

² MENDONÇA, Lúcio de. Luiz Gama. *Almanach Litterario de S. Paulo para 1881*. São Paulo, Typografia da “Provincia”, 1880, p. 50 a 62.

escravidão do filho uma solução imediata para seus problemas financeiros. De origem portuguesa, foi insinuado nos variados textos como “branco”. Lúcio de Mendonça suprimiu de seu artigo uma declaração de Gama que consta da carta: “Meu pai, não ousou afirmar que fosse branco(...)”.

Em todos esses artigos e narrativas, os sentidos proliferam onde está a palavra e onde ela se ausenta. Como se os sentidos se encontrassem nas palavras, nos espaços em branco do papel, no antes e no depois do relato. Na verdade, há um *excesso* de detalhes em torno do silêncio sobre a vida de Gama, excesso que pode ter funcionado como *despiste*.

Em textos escritos até a primeira metade do século XX, há uma ênfase em sua caridade, em sua preocupação com os mais desafortunados (segundo as palavras de Gama, os desafortunados seriam “todos os pobres, todos os infelizes” e “os míseros escravos”). Assim aparece, por exemplo, num artigo de Rangel Pestana publicado pela *Província de São Paulo* em agosto de 1882: “Tipo de heroísmo nas sociedades modernas, ele aparecia entre nós como o pai dos pobres, dos desprovidos dos favores da fortuna e das graças do poder”. E em texto de João Romão da Silva que consta de uma reedição do livro do poeta:

Gama, erguendo o seu sentimento de amor ao próximo até o sacrifício, oferecendo a vida e uma felicidade que lhe poderia ser acessível em holocausto à liberdade do seu povo, tem algo dessa vocação de mártir do personagem dostoiévski.³

Segundo José Murilo de Carvalho, em *A formação das Almas*, as discussões em torno das idéias republicanas, arena política de grande parte dos abolicionistas na década de 70, suscitaram a adoção simbólica de uma espécie de “culto dos heróis”, cujo maior exemplo talvez seja Tiradentes. Aliás, o próprio Luiz Gama foi um dos primeiros autores a associar as imagens de Tiradentes e de Cristo no artigo *À força o Cristo da multidão*, publicado no primeiro número da Revista do Clube Tiradentes em abril de 1882.

³ SILVA, João Romão da. *Luís Gama e suas poesias satíricas*. 2ª. ed., Rio de Janeiro, Cátedra/INL, 1981. Opinião já expressa na primeira edição de 1954 publicada pela Editora Casa do Estudante do Brasil.

Outras figuras, menos conhecidas que Tiradentes tiveram as suas biografias esculpidas por discursos enaltecedores. Além do artigo de Mendonça, os textos sobre Luiz Gama pertencem a um conjunto mais amplo de textos (na maioria das vezes, necrológicos) que elogiam figuras públicas. Como nas narrativas sobre o abolicionista baiano, as narrativas sobre outras figuras abolicionistas ou republicanas são repletas de encômios, que recaem em alguma qualidade demonstrada desde a juventude ou recaem apenas na maturidade. As figuras homenageadas são descritas como exemplos a serem seguidos.

Essas outras narrativas também enfatizam o sofrimento pretérito: via de regra, as dificuldades enfrentadas pelos candidatos a heróis afluem na mocidade e a superação ocorre na fase adulta. As narrativas naturalizam tanto as suas convenções discursivas que, ao leitor, parece mesmo a maneira mais lógica: há uma origem humilde, há dificuldades e há um trunfo final, reservado aos predestinados.

Isto pode ser observado em relatos sobre outras personalidades, tais como Américo de Campos, Antonio Bento ou José do Patrocínio. Este, por exemplo, foi visto por Marta Casablanca como um homem predestinado a superar as dificuldades, dedicado inteiramente a uma única causa, que atingiu o seu objetivo em total “resplendor”:

“Tal foi a vida de José do Patrocínio, ‘pois todo ele ardia numa chama única, e como um prodigioso Batista negro, percorria o Norte e a sua aridez, arrastando multidões deslumbradas, como que transfiguradas diante de uma nova revelação’”.⁴

Gama foi também apresentado em diversos textos como herdeiro da rebeldia islâmica. Essa outra mitologia nasceu já no século XIX e persistiu sob outras formas: uma percepção que valorizou a ascendência malê e sublinhou no imaginário geral a idéia de uma estirpe negra mais arguta, mais corajosa e mais rebelde que as outras. De certo modo, o motivo da mitificação de Luiza Mahin e dos malês esteve ajustado aos moldes ocidentais de “civilização”: os negros

⁴ CASABLANCA, Marta. Cinco Fases de José do Patrocínio. *Autores e Livros*. Rio de Janeiro, v. XI, n. 12, p. 129-131, dezembro de 1950.

islâmicos teriam possuído sinais considerados de cultura *adiantada* - eram monoteístas e dominavam a escrita.

O temor em torno dos negros islamizados e revoltosos da Bahia legitimaram o relato de Luiz Gama sobre a sua vida. O relato reforçou a mitologia acerca dos malês, inclusive insinuando nas entrelinhas a forte influência de Luiza Mahin, que, por exemplo, na versão de Pedro Calmon tornou-se princesa rebelde e líder da “insurreição” de 1835.

Do ponto de vista de um pensamento intelectual negro, o rebelde Luiz Gama ajustou-se ao tipo negro catalizador de características positivas (*o preto que recusa*). Há um outro tipo que catalizaria somente características negativas (*o preto de alma branca*). Segundo Joel Rufino dos Santos, esses dois tipos podem estar melhor representados por Henrique Dias e Zumbi dos Palmares:

É, porém, em dois "heróis" do século XVI - Henrique Dias e Zumbi dos Palmares - que os intelectuais e militantes negros costumam simbolizar as opções antagônicas do negro diante da sociedade global. Henrique Dias, ao emprestar seu corpo e sua alma aos senhores portugueses no instante capital da "invasão holandesa (1630-1635), no momento da sua expulsão (1645 a 1654) e, por fim, no massacre do quilombo de Palmares (de 1640 em diante), entrou para a galeria de heróis da pátria, mas também para o bestiário dos movimentos negros: eis o "preto de alma branca", o que aprendeu as regras do jogo para reinar, ele também, sobre os pretos. Se Henrique - "Governador dos pretos, crioulos e mulatos do Estado do Brasil" - é o que aceita, Zumbi dos Palmares é o que recusa. Sua vida - um tanto revelada pela pesquisa, um tanto imaginada - foi uma série de recusas: recusou a adoção do padre a quem fora presenteado quando menino, recusou a vida do litoral e o mundo dos brancos, recusou diversas propostas de paz que lhe fez o governador de Pernambuco, em nome do rei de Portugal, e recusou, enfim, quando se viu perdido, a rendição.⁵

Luiz Gama está posto na mesma estirpe de Zumbi dos Palmares. É mais um exemplo do negro “que recusa”. Afinal, Luiza Mahin foi um grande exemplar feminino dessa mesma estirpe e Gama, também sob esse olhar, teria herdado a sua rebeldia e bravura. Como escreveu Luiz Luna em *O negro na luta contra a escravidão*: “Os Zumbis dos Palmares, os Dom Cosme, do

⁵ Joel Rufino dos Santos, **A inserção do negro e seus dilemas**. Projeto Brasil 2000. (Parcerias Estratégicas, no. 6, março de 1999.

Maranhão, os Manuel Congo, do Rio de Janeiro, e a negra Luísa Mahin, da Bahia, que ilustraram a história revolucionária do Brasil com feitos memoráveis(...)”.

No que diz respeito ao poeta, o artigo de Mendonça foi o primeiro escrito com algum teor literário. Mendonça qualificou o livro de Gama como um livro *risonho*. Ou melhor, como um *risonho livro*, posto assim o adjetivo antes do termo qualificado. E cito u versos do poema *Minha Mãe* para descrever Luiza Mahin. Além disso, detonou o processo de mitificação ao associar a imagem de Gama à de um personagem já mitificado: Espartacus.

Porém os méritos da primeira crítica mais literária sobre Gama podem ser trans feridos a Sílvio Romero, que em sua **História da Literatura Brasileira**, refazendo a opinião de Mendonça, denominou Gama de “um dos mais engraçados satíricos”. Romero fundou em verdade uma maneira de ler a poesia de Gama, inaugurando e cristalizando a sua interpretação do poema *Quem sou eu?*. Por décadas, o poema foi analisado como o emblema da convicção mestiça, pois já não haveria apenas “bodes negros”. Segundo os versos de Gama:

Bodes há de toda a casta, pois que a espécie é muito vasta ...
Há cinzentos, há rajados,
Baíos, pampas e malhados,
Bodes negros, bodes brancos,
E, sejamos todos francos,
Uns plebeus, e outros nobres,
Bodes ricos, bodes pobres,
Bodes sábios mportantes,
E também alguns tratantes...

Um exemplo de enviesamento biográfico positivo encontra-se no artigo *Luís Gama*, de Pedro Calmon, publicado pelo jornal do Comércio em 21 de junho de 1930. Calmon considerou a experiência biográfica como suficiente para a eleição de Gama como *poeta dos escravos*. Segundo Calmon, “Luiz Gama pode ser o bardo e o tribuno dos cativos porque sofreu os mesmos ferros”.

No artigo intitulado *O negro na Poesia Brasileira*, escrito em São Luís em 1956 (encontra-se nos arquivos da Biblioteca Nacional), Domingos Vieira Filho cobrou de Luiz Gama uma

postura *ornamental*, o que pode ser considerado um enviesamento negativo. Na opinião de Vieira Filho, Gama teria sido um mau poeta por não ter cantado as tristezas da raça negra ou não ter inserido nos seus versos “símbolos” da cultura africana. Ou seja: por não ter inserido em seus versos marcas estereotipadas do negro, que era, e do escravo, que foi.

A opinião de Vieira Filho foi influenciada por comentário anterior de Roger Bastide. Para Bastide, em *A poesia Afro-Brasileira*, as condições possíveis ao início de uma poesia afro-brasileira deveriam resultar da consciência da segregação, e essa consciência deveria residir em alguém que *foi vendido pelo próprio pai como escravo*, ou seja, na proto-narrativa de Gama. Conforme as palavras de Bastide, Gama deveria ter expressado com veemência *palavras afros* (“semi-africanas”, “semi-brasileiras”). Uma palavra mestiça na forma, “para criar verdadeiramente uma poesia afro-brasileira”.

Em 1945, Arlindo Veiga dos Santos publicou **A Lírica de Luiz Gama** Veiga dos Santos enfatizou a origem negra do poeta, valorizando-a, e não usando-a como mero pretexto emotivo de exaltação. Porém, ao elevar Gama sob o prisma de um mundo negro, confirmou a imagem de Gama com as mesmas tintas heróicas: “amor aos humildes, indiferença pelos grandes, destemor da pobreza e ainda da miséria (...)”.

É bem difícil alguém se interessar pela poesia de Luiz Gama sem se interessar também pela história de sua vida. Talvez seja até recomendável conjugar os dois interesses. Mas talvez seja possível elaborar uma interpretação de sua poesia, pensando no que ela se assemelhou a outras expressões literárias do final do século XIX (ou mesmo anteriores, como a poesia de Gregório de Mattos) ou pensando no que ela antecipou do que agora se denomina de “poesia negra brasileira”.

A análise da poesia de Luiz Gama faz ver que ele participou de algumas tendências do momento romântico, tal como a tendência satírica, herdeira de antiga tradição do riso, presente em autores como Álvares de Azevedo e Bernardo Guimarães. E que antecipou, por exemplo, o

sentimento de orgulho identitário através de um olhar reverso, que, no século XX, grassou e, no século XXI, ainda grassa na produção de poetas negros.

A poesia de Gama é plural, multifacetada, resolve-se em acréscimo, e não em exclusão: a sua identidade poética firmou-se também pela absorção do outro e não apenas pela confirmação de si mesmo. Motivou, enquanto grafologia dos sentidos, leituras plurais. Sem ornamentos.

É certo que as escolhas estilísticas do poeta facilitaram a sua exclusão dos cânones estabelecidos: ele optou por uma vertente literária mais popular, e pela sátira, confundida muitas vezes com o riso fácil. Em vários versos, o poeta ironizou o pedantismo dos literatos. Como exemplo no poema *No álbum do Sr. Capitão João Soares*:

Curvar-me às dentadas
De certos pedantes,
Qu'ém versos e romãs
São mesmos uns Atlantes?!

Nada, nada, meu Senhor,
Mão caio nessa esparrela,
Não quero que o mundo diga –
Que o Luís é tagarela.

Mas conseguiu, sob aparente procedimento de perversão, outro caráter menos mordaz, apropriando-se de textos, mitos e temas de tradição europeia mesclados aos de sua herança cultural afro-brasileira. Como no poema *Lá vai verso*: “Quero que o mundo me encarando veja,/ um retumbante *Orfeu de Carapinha*,/ Que a Lira desprezando, por mesquinha,/ Ao som decanta da Marimba augusta(...).

A sua atitude comprovou a dificuldade de evitar a assimilação de valores em si mesmos diversos, mas também comprovou a possibilidade de reverter esses valores em favor de uma identidade crítica. Como em uma fundação excêntrica, aquela que não passa pelo centro de sua base, o poeta suplementou conteúdos e, estando dentro, esteve fora. Desse modo, Gama trapaceou o imaginário colonizador pela poesia, confirmando ser possível reverter valores dominantes pelo *gracejo*, não só pelo riso derrisório.

Segundo Roberto de Oliveira Brandão, Gama é uma espécie de *precursor do pastiche*.⁶ Ao analisar o poema *Lá Vai Verso*, Brandão considerou que o “sujeito” enxergou-se entre dois universos culturais de cujos valores participava, pervertendo as possibilidades tradicionais da poesia: invocou a musa, aludiu à origem musical da poesia, à função glorificadora, ao desejo de superar os poetas do passado, referiu-se a figuras mitológicas (como Orfeu, Tristão, Cupido), referiu-se a poetas sacralizados (como Ariosto, Lamartine, Filinto Elísio, Camões), adaptou versos de outros às suas finalidades. Modelos e conteúdos teriam sido inteiramente absorvidos por uma ótica negra.

Em conclusão: os imaginários historiográficos e literários conduzidos pela morfologia da narrativa sobre Luiz Gama e afetados pela insuficiente leitura de seus poemas grifaram o mito abolicionista e quase invisibilizaram o poeta. Mesmo compondo-se na pluralidade, mesmo suplementar à mitológica figura de um guru abolicionista, a face mais dessacralizadora, o poeta, sofreu um processo de abafamento, de *invisibilização*. Enquanto o mito do “grande cidadão abolicionista” crescia, o poeta foi ficando cada vez “menor”.

O ideal harmonizador disseminado na cultura brasileira quase invisibilizou o poeta negro Luiz Gama. Como em estratégia denunciada pelo pensador Francisco Dalmir, essa ideologia deriva de um *modo de ver para fazer desaparecer o outro*.⁷ Os artigos sobre a vida de Gama sublinharam a presença do “grande abolicionista”, que corresponde a um mesmo modelo disseminado, ao mesmo tempo que tentaram diminuir a importância do poeta negro, que corresponde a um outro modelo estigmatizado.

A imagem de Luiz Gama não foi esquecida, mas convenientemente reapropriada em diversos momentos e com diversas intenções. Porém, o poeta Luiz Gama, olhando para dentro e

⁶ BRANDÃO, Roberto Oliveira de. A poesia de Luiz Gama. *Diário Oficial*, São Paulo, p. 5-6, 10 de novembro de 1991.

⁷ FRANCISCO, Dalmir. Comunicação, identidade cultural e racismo. In: FONSECA, Maria Nazareth Soares (org.). **Brasil afro-brasileiro**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 117 a 151.

para fora, na invenção e na apropriação, reinventou-se e desenhou as primeiras linhas de uma nova poética, de uma poética negra.